

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
JEAN-DANIEL POLLET, A MATÉRIA DO MUNDO
17 e 28 de Março de 2022

LA LIGNE DE MIRE / 1959

um filme de Jean-Daniel Pollet

Realização, Argumento, Montagem: Jean-Daniel Pollet / **Fotografia:** Jean-Jacques Rochut / **Som:** Yves Bouyer / **Montagem:** François Bel, Jean-Daniel Pollet / **Música:** Pierre Assier / **Interpretação:** Pierre Assier (Pedro), Claude Melki, Michèle Mercier (Hélène), Edith Scob (Pascale), Joel Holmes (Marc), Remy Jussan (Bernard), Pierre Jourdan (M. Gordo), Michel Gonzales (Henri), Yves Barsacq, Charles Millot, Hugue Vanner, Georges Mazauric, André Philip, Henri Poirier, Claude Rollet.

Produção: Lumifilms (Jean-Daniel Pollet) / **Cópia:** La Traverse, em DCP, preto e branco, falada em francês e legendada electrónica (cópia restaurada a partir dos negativos originais) / **Duração:** 70 minutos / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca.

La Ligne de mire é apresentado com **Pourvu qu'on ait l'ivresse** (“folha” distribuída em separado)

Jean-Daniel Pollet (1936-2004) é um dos cineastas mais originais e livres da sua geração, a mesma de François Truffaut, Claude Chabrol ou Jean-Luc Godard, para citar alguns nomes do grupo da Nouvelle Vague, de que fez parte. Mas, em contraste com os realizadores atrás citados, Pollet é ainda hoje um autor relativamente desconhecido e secreto. Com vários dos seus companheiros, assinou em 1964 um segmento do filme coletivo **Paris vu par...**, descrito pelo crítico Jean Douchet como “o último filme da Nouvelle Vague enquanto movimento organizado e o seu único manifesto cinematográfico”, mas essa também seria a data de uma transformação no seu cinema. Para Jean-Paul Fargier, grande amigo, biógrafo e autor de um filme sobre o cineasta, que concluiu o último filme de Jean-Daniel Pollet, **Jour après jour** (2006), que só pôde ser terminado depois da sua morte, Pollet foi mesmo “o inventor do espírito Nouvelle Vague” ao realizar ainda muito novo um conjunto de filmes reveladores de uma liberdade de filmar sem constrangimentos, que inventava um novo corpo de cinema, transgredindo convenções cristalizadas ao nível dos géneros cinematográficos, da montagem, dos movimentos de câmara, da relação entre o texto e a imagem, sem descurar a história do próprio cinema.

Se Pollet começou por realizar duas ficções – **Pourvu qu'on ait l'ivresse** (1957), curta-metragem que dirigiu com apenas 21 anos, e **La Ligne de mire** (1959), que concluiu dois anos depois – cedo realizou também os trabalhos mais ensaísticos que lhe conferiram mais notoriedade, como os assombrosos **Méditerranée**, logo em 1963 e **Bassae**, em 1964. Filmes que fazem parte das duas dezenas de obras (entre longas, médias e curtas-metragens) que realizou até ao momento da sua morte, mesmo depois de um grave acidente no final dos anos oitenta, que o deixou parcialmente paralisado. No seu conjunto, trata-se de uma obra poética manifestamente heteróclita, que desafia a própria divisão dos géneros cinematográficos, em que cedo sobressai o seu fascínio pela sua cultura mediterrânica e uma profunda ligação com a literatura. Um cinema criado por um dos

autores mais singulares do cinema francês da segunda metade do século XX, que mostraremos em retrospectiva integral, na sua maioria em cópias recém-restauradas, que só agora nos permitem realizar um projecto desejado há muito. **Pourvu qu'on ait l'ivresse**, mas também **Méditerranée**, **Bassae** e **Ceux d'en face** podem ser mostrados em ótimas cópias em película, que fazem real justiça ao “materialismo” do cinema de Pollet.

As duas sessões pensadas conjuntamente para a abertura da retrospectiva, e que se voltam depois a cruzar, assinalam no fundo os dois “começos” da obra de Jean-Daniel Pollet, que corresponderão àquelas que podem ser descritas como as duas vertentes da obra do cineasta: a via da ficção e de um realismo burlesco associado a filmes claramente narrativos, grande parte deles protagonizados pelo seu actor de eleição, Claude Melki (a via de **Pourvu qu'on ait l'ivresse** e de **La Ligne de mire**); e a via dos poéticos “filmes-ensaio” (a de **Méditerranée** e de **Bassae**).

Premiada em Veneza, **Pourvu qu'on ait l'ivresse**, a curta-metragem de estreia de Jean-Daniel Pollet, foi entusiasticamente saudada por Jean-Pierre Melville e Jean-Luc Godard, abrindo caminho e alimentando muitas expectativas para a longa-metragem que se seguiria. Inteiramente sem diálogos, **Pourvu qu'on ait l'ivresse** revelava o profundo fascínio de Pollet por um actor como Claude Melki, que no fundo é o centro desta primeira curta-metragem, e que o acompanhará ao longo de muitos anos em cinco filmes permeados pela sua inigualável presença, entre eles **La Ligne de mire**. Um corpo burlesco que se combina com a melancolia, tão na tradição de um Buster Keaton, mas também de Tati ou Chaplin.

Sucedendo-lhe, **La Ligne de mire** é simultaneamente um filme mítico e maldito, pensado e trabalhado para estrear em Cannes, mas deixado inacabado até à morte do realizador, que o montou e remontou incessantemente ao longo de muito tempo. Foi visto por alguns em cópias de trabalho, mas Pollet sempre respondeu que só o terminaria depois da sua morte. Numa crítica da época, Claude-Jean Philippe escreveu que “Pollet remontou o filme quatro vezes e, a dada altura, apercebeu-se que a única versão possível era a inicial, mas já era demasiado tarde”. Não obstante, em 1965, numa lista publicada nos *Cahiers du cinéma*, Luc Moullet, colocou o filme entre os dez melhores realizados desde o pós-Segunda Guerra. E assim foi, sem ter estreado comercialmente, **La Ligne de Mire** foi um filme muito falado, mas invisível até há muito pouco tempo, quando foi restaurado e mostrado pela primeira vez em França na cópia que hoje iremos ver.

O próprio Pollet escreveu sobre o filme em 1993: “**La Ligne de mire** é um erro de percurso... O argumento estava inacabado. De facto, ainda não estava suficientemente preparado para realizar um tal filme... O filme estava previsto para o Festival de Cannes, os cartazes estavam prontos... Mas é um filme que montei durante vários meses, que remontei, que remontei outra vez... até o deturpar.... Claro que o filme não estava preparado para Cannes e que nunca estreou. É um filme que não tenho vontade de mostrar.” O destino de **La Ligne de mire**, bem como o fracasso da distribuição comercial da curta-metragem seguinte de Pollet (**Gala**, 1962) que, não encontrando distribuidor, só estrearia em 1966, ditaram o destino do seu cinema. Eis uma parte da explicação para a via inaugurada por **Méditerranée** logo em 1963, como mais tarde confessará o próprio realizador, filme que resulta de uma viagem de três meses e meio pela bacia do Mediterrâneo, marcado por uma recusa da ficção, mas também de uma atitude puramente documental, que abrirá todo um novo Continente para o seu cinema.

Se, em **Pourvu qu'on ait l'ivresse**, o modo como Pollet filmava e ampliava os gestos de um jovem desenquadrado num baile de Domingo revelava já um extraordinário domínio do espaço e do tempo cinematográficos, bem como um admirável trabalho de direcção de actores, numa simultânea homenagem ao cinema mudo e a um burlesco de situações, em **La Ligne de mire** Pollet prolonga alguns destes aspectos, acrescentando-lhes outros. Permanece o cómico de situações e a importância do burlesco, muito particularmente no papel e nas sequências que são atribuídas a Melki, mas estes são aqui combinados com outros pressupostos formais, em que ganha importância a fragmentação narrativa e uma ideia de repetição, que percorre o texto e as imagens do filme. É muito curioso como a primeira curta-metragem de um realizador que dará uma importância desmesurada à palavra (e à palavra literária), era um filme inteiramente sem diálogos, mas se filmar a palavra será uma obsessão de Pollet, não se trata tanto de filmar diálogos, mas encontrar os seus equivalentes. E se isto era válido para **Pourvu qu'on ait l'ivresse**, também o é para **La Ligne de mire**. Com um fundo vagamente policial, **La Ligne de mire** coloca em cena excelentes actores, entre os quais a ainda muito jovem Edith Scob. Participando de uma homenagem aos géneros do cinema clássico, enquanto estiliza todas as convenções, Pollet estiliza a narrativa, como o faria depois também Jean-Luc Godard.

A possibilidade de vermos hoje **La Ligne de mire**, permite-nos olhar para a obra de Pollet de uma forma diferente, ao encontrar nele elementos que antecipam questões formais de **Méditerranée** e dos trabalhos mais ensaísticos seguintes, atenuando o dito contraste entre as duas “vias” do seu cinema. Sendo dois caminhos de um cinema que se bifurca, eles seguem, lado a lado, numa mesma direcção, numa obra que privilegia claramente a figura da repetição, em que se retomam personagens, actores, excertos de filmes, efeitos de montagem, movimentos de câmara que reforçam a ideia de fechamento e de reclusão que atravessa todo o cinema de Pollet. Um cinema em que sobressai desde o início uma vontade de filmar o peso (ou a leveza) dos corpos e a matéria do mundo.

Numa entrevista citada em **Parle-moi encore**, documentário de Jean-Paul Fargier também mostrado nesta retrospectiva, Pollet afirma que em **Méditerranée** queria fazer algo próximo do que Alain Resnais estava a fazer no cinema sob influência directa do *nouveau roman*, uma “montagem por analogia”. Mas se em **Méditerranée** Pollet propõe claramente fazer um cinema de planos-signos e “preservar, a todo o custo, a presença livre das coisas”, reinventando o cinema como uma linguagem poética em que a montagem tem um papel essencial, percebemos agora como tal já havia começado em **La Ligne de mire**. E é essa ideia de repetição com as suas pequenas diferenças, aliada a um “cinema-poesia”, que transparece desde logo nesta primeira sessão.

Joana Ascensão